

Texto 3

Contextualização prévia

Diante do sucesso do racionalismo cartesiano, diversos homens da ciência manifestaram uma postura cautelosa em relação a esse apelo extremo à razão. Com suas palavras, eles disseram: espere aí, não podemos desprezar o valor dos sentidos, não podemos menosprezar a experiência, pois é a partir dela que criamos nossos entendimentos e conceitos sobre o mundo, sem os quais não poderíamos sequer pensar ao modo cartesiano, não poderíamos sequer desenvolver nossas faculdades racionais.

Como dirá Locke, nossos sentidos e as experiências que eles nos permitem são a porta de entrada para o “quarto escuro” da nossa mente. Nossos sentidos são nosso acesso ao mundo, por isso não podemos jamais ficar distantes da experiência, confiando cegamente nas presunções que nossa mente elabora. Em seus termos, a mente apreende seus primeiros objetos e progride com base na provisão e armazenamento das ideias proporcionadas pela experiência, a partir das quais todo conhecimento é modelado. Por isso, devo recorrer à experiência e observação para verificar se estou correto: “a melhor maneira para atingir a verdade consiste em examinar de que modo as coisas realmente são, e não concluir o que são segundo imaginamos ou fomos ensinado por outrem a imaginar.” (LOCKE, 1999 [1690], p. 88).

Empirismo - fragmentos de John Locke

Ensaio acerca do entendimento humano – O discernimento e outras operações da mente (1690)

1. Nenhum conhecimento sem discernimento. Outra faculdade de nossa mente, que devemos considerar, é a de discernir e distinguir entre sua variedade de ideias. Não basta ter percepção confusa de algo geral. Se a mente não tiver uma distinta percepção dos diferentes objetos e de suas qualidades, será incapaz de alcançar muito conhecimento, embora os corpos que impressionaram nos dominassem como o fazem atualmente, e a mente estivesse pensando continuamente. Decorre da faculdade de distinguir uma coisa da outra a evidência e certeza, ainda que muito gerais, de várias proposições, que passavam por verdades inatas, porque os homens, considerando superficialmente a verdadeira causa pela qual estas proposições merecem assentimento universal, as atribuíram inteiramente às impressões inatas uniformes, as quais, na verdade, dependem do discernimento claro da faculdade da mente, percebe ou não que duas ideias se igualem ou se diferenciem. Mais adiante voltaremos a este assunto.

2. A diferença entre agudez e julgamento. Não examinarei em qual medida a imperfeição de discriminar acuradamente umas ideias das outras depende tanto da opacidade e falhas dos órgãos dos sentidos ou da necessidade de agudeza, exercício ou atenção no entendimento, como, ainda, da rapidez e precipitação natural de alguns temperamentos. É, contudo, suficiente levar em consideração que esta é uma das operações com que a mente pode refletir ou se observar a si mesma. Com efeito, se esta faculdade revela-se opaca, ou não foi utilizada adequadamente, com o fito de distinguir uma coisa da outra, isso implica marcar nossas noções de modo confuso e fazer de nossa razão e julgamento algo desordenado ou desorientado. Ter ideias na memória ao nosso alcance consiste na vivacidade, ou seja, as ideias não aparecem confusas, mas ela é hábil para distinguir rigorosamente uma coisa da outra, mesmo quando existe apenas uma pequena diferença; isto constitui, em grande medida, a exatidão do julgamento e a clareza da razão, que se observa num homem em relação a outro. Disso decorre, talvez, o motivo desta observação geral: os homens bem-dotados em matéria de agudez e memória nem sempre o são de julgamento claro ou razão profunda. Enquanto a agudez consiste principalmente na organização das ideias, agrupando-as com rapidez e variedade, onde divisa qualquer semelhança ou congruência, construindo imagens e visões agradáveis na fantasia, o julgamento, pelo contrário, situa-se no outro extremo, esmerando-se em separar as ideias entre si devido às suas menores diferenças, evitando equivocar-se por causa de suas similitudes e pela afinidade de tomar uma pela outra. Este procedimento é totalmente oposto à metáfora e à ilusão, sobre as quais se baseia sobretudo o entretenimento e o prazer de agudez, que incidem tão vivamente sobre a fantasia, sendo, portanto, aceita por todos, porque sua beleza aparece à primeira vista e não necessita de esforço do pensamento para examiná-la do ponto de vista da verdade ou da razão. Sem olhar mais adiante, a mente permanece satisfeita com o agradável da imagem e a alegria da fantasia. Representa uma espécie de afronta pretender examiná-las pelas severas regras da verdade e da razão, pois não parece que aquela consista em algo que se ajusta nestas com perfeição.

4. Comparando. O ato de comparar as ideias entre si, a fim de determinar a extensão, graus, tempo, espaço ou quaisquer outras de suas circunstâncias, consiste em outra operação da mente, sobre a qual decorre a enorme quantidade de ideias abarcadas pela relação, cuja discussão será feita adiante, em virtude de sua extensão.

5. Os brutos comparam imperfeitamente. Não é fácil determinar até onde os seres brutos participam desta faculdade. Imagino que não o fazem em grau muito alto. Apesar de possuírem número suficiente de ideias distintas, ainda assim creio ser prerrogativa do entendimento humano a capacidade de distinguir quaisquer ideias, por percebê-las perfeitamente diferentes e, por conseguinte, como duas

ideias, levando-o a julgar e ponderar em que circunstância elas podem ser comparadas. Penso, pois, que os seres brutos, quando comparam ideias, não ultrapassam certas circunstâncias sensíveis inerentes aos próprios objetos. Pode-se, ainda, descobrir nos homens outro poder de comparação, que diz respeito às ideias gerais e somente úteis para formar raciocínios abstratos, que, provavelmente, não consiste em prerrogativa dos seres brutos.

6. Compondo. Constitui a composição outra operação verificada na mente com respeito às suas ideias, que se processa pela reunião de várias ideias simples adquiridas mediante a sensação e a reflexão e pela sua combinação em complexas. Embora a composição não se revele tanto nas ideias mais complexas, pode compreender também o ato de ampliar, que consiste em reunir várias ideias da mesma espécie. Com efeito, adicionando várias unidades chegamos à ideia de uma dúzia, reunindo as ideias de várias medidas alcançamos a de uma milha.

8. Denominando. Mediante a repetição de sensações, as crianças fixam ideias em suas memórias e começam gradativamente a aprender o uso de sinais. Ao adquirirem habilidade para aplicar os órgãos da fala e formar sons articulados, começam a usar palavras para transmitir suas ideias a outrem. Às vezes recorrem aos outros para adquirir esses sinais verbais, outras vezes os criam por si mesmas, como o atestam os nomes novos e incomuns dados às coisas pelas crianças quando iniciam a usar a linguagem.

9. Abstração. As palavras começam, então, a revelar marcas externas de nossas ideias internas, sendo estas ideias apreendidas das coisas particulares. Se, porém, cada ideia particular que apreendemos devesse ter um nome distinto, os nomes seriam infinitos. Para que isto seja evitado, a mente transforma as ideias particulares recebidas de objetos particulares em gerais, obtendo isto por observar que tais aparências surgem à mente inteiramente separadas de outras existências e das circunstâncias da existência real, tais como tempo, espaço ou quaisquer outras ideias concomitantes. Denomina-se a isso abstração, e é através dela que as ideias extraídas dos seres particulares tomam-se representações gerais de uma mesma espécie e seus vários nomes aplicam-se a qualquer coisa que exista em conformidade com essas ideias abstratas. São estas, precisamente, aparências vazias da mente, sem se averiguar como, de onde e se são apreendidas com outras, que o entendimento armazena (com denominações gerais que lhes são anexadas), e servem de padrão para organizar as existências reais em classes, desde que se conformem a esses padrões e possam receber uma denominação adequada. Deste modo, sendo observada hoje a mesma cor no giz ou na neve, cor que foi apreendida ontem, pela mente, do leite, e levando apenas esta aparência em conta, o entendimento a transforma no representativo de toda esta espécie, designada pela palavra brancura, cujo som significa a mesma qualidade em qualquer parte que possa ser imaginada ou encontrada, fazendo destes universais tanto ideias como termos.

14. Método utilizado nesta explicação das faculdades. Penso que são estas as primeiras faculdades e operações da mente utilizadas pelo entendimento. Embora sejam exercidas com respeito a todas as ideias, os exemplos que empreguei acima referem-se principalmente às ideias simples, acrescidos da explicação destas faculdades da mente acerca das ideias simples. Abordei-as antes das complexas pelas seguintes razões: Primeiro, sendo várias destas faculdades exercidas principalmente no início com respeito às ideias simples, poderíamos, segundo a natureza deste método ordinário, traçá-las e descobri-las em seu nascimento, progresso e gradual aperfeiçoamento. Segundo, observando como as faculdades da mente operam em relação às ideias simples, usualmente bem mais claras para a maioria das mentes humanas, devemos antes examinar e entender como a mente extrai, denomina, compara e exercita em suas outras operações com as complexas, em que nos encontramos mais expostos ao erro. Terceiro, porque as próprias operações da mente acerca das ideias recebidas das sensações formam por si mesmas, quando refletem sobre elas, outra série de ideias devidas a outra fonte do conhecimento que denomino de reflexão, portanto, adequada para ser examinada depois das ideias simples da sensação. Os atos de compor, comparar, abstrair etc., aos quais me referi há pouco, serão amplamente discutidos em outras passagens.

15. O verdadeiro começo do conhecimento humano. Penso que este breve relato mostra a verdadeira história do início do conhecimento humano, a saber, como a mente apreende seus primeiros objetos, quais os passos que a fazem progredir com base na provisão e armazenamento dessas ideias, a partir das quais todo conhecimento de que é capaz pode ser modelado; por conseguinte, devo recorrer à experiência e observação para verificar se estou correto: a melhor maneira para atingir a verdade consiste em examinar de que modo as coisas realmente são, e não concluir o que são segundo imaginamos ou fomos ensinados por outrem a imaginar.

16. Apelo à experiência. Esta é, na verdade, a única via que pude descobrir como adequada para levar as ideias das coisas ao entendimento. Se outros homens possuem ideias inatas, ou princípios inculcados, têm motivos para usufruírem deles; se estiverem certos disso, não será possível a outrem negar-lhes a vantagem que têm sobre seus semelhantes. Apenas posso me manifestar acerca do que desvendo em mim mesmo, que está de acordo com aquelas noções, pois, examinando o desenvolvimento completo dos homens em suas várias idades, países e educação, parece que dependem das bases por mim colocadas e correspondem ao método em todos os seus aspectos e graus.

17. Quarto escuro. Não me cabe ensinar, mas investigar; portanto, posso apenas de novo admitir que as sensações externas e internas são as únicas passagens descobertas do conhecimento para chegar ao entendimento. Somente essas, no que foi dado descobrir, são janelas pelas quais a luz é introduzida no quarto escuro. Parece-me que o entendimento não difere muito de um armário totalmente vedado contra a luz, com apenas algumas pequenas aberturas que permitem a entrada de imagens visíveis externa, ou ideias de coisas externas. Se as imagens introduzidas ficassem neste quarto escuro e permanecessem de tal forma ordenadas para serem ocasionalmente descobertas, seria bastante semelhante ao entendimento do homem em relação a todos os objetos visíveis e a suas ideias. São estas as minhas conjecturas acerca dos meios pelos quais o entendimento apreende e retém ideias simples, assim como seus modos e outras operações a respeito delas. Examinarei algumas dessas ideias simples e seus modos com mais pormenores.

Referências

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Abril, 1999 [1690].